

## NARRATIVAS E HISTÓRIAS ORAIS DOS SUJEITOS AMAZÔNICOS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Thiago Gonçalves Martins<sup>1</sup>  
Dayana Viviany Silva de Souza Russo<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar resultados vivenciados no Projeto de Extensão Leramaz: temas e histórias de populações e territórios da Amazônia, que visou a promoção de ações que repercutam nas práticas pedagógicas de professores e alunos, incentivados por meio da escuta, da leitura e da escrita de temas pertinentes às populações e territórios da Amazônia para o desenvolvimento humano. Nesta etapa foi percebido como as narrativas e histórias orais dos sujeitos da Amazônia fazem-se presente no imaginário e no cotidiano de pessoas e como estas podem contribuir para formação de leitores da educação básica. Diante dessa compreensão sobre a importância das narrativas orais, foi necessária a busca de histórias de populações amazônicas para valorizar a nossa literatura e dos nossos escritores. Desse modo, das produções encontradas, foram selecionadas duas escritoras da literatura infantojuvenil amazônica, Dona Onete: Coletânea de Contos, “A festa no Ver-ô-peso” (2022) e o livro de Fátima Teles “A cidade que veio das Águas” (2017), como recursos didáticos nas atividades durante o projeto de extensão. Este teve sua inserção em duas escolas da Rede estadual de ensino. O referencial teórico foi constituído a partir do embasamento em autores como Geraldi (1946), Silva (1986), Freire (1997), Bruner (1991), Benjamin (1994), Matos e Sorsy (2009). A metodologia baseou-se em uma abordagem qualitativa e utilizou pesquisas exploratória, bibliográfica e de campo. Os resultados alcançados, confirmam a importância que têm narrativas orais para a formação de leitores, uma vez que algumas palavras do vocabulário eram próximas e outras foram descobertas durante as oficinas. Outrossim, também foi possível constatar, o expressivo desconhecimento dos alunos da literatura infantojuvenil amazônica, seu próprio território. Diante do que foi vivenciado espera-se que estas, ações devam ser propostas de forma assídua no contexto educacional brasileiro e em nossa região.

**Palavras-chave:** Narrativas orais, Prática pedagógica, Literatura infantojuvenil Amazônica, Formação de leitores e escritores.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como intuito apresentar os resultados alcançados e vivenciados no Projeto de Extensão Leramaz: temas e histórias de populações e territórios da Amazônia, que visou a promoção de ações que repercutam nas práticas pedagógicas de professores e alunos, incentivados por meio da escuta, da leitura e da escrita de temas pertinentes às populações e

---

<sup>1</sup>Graduando em Letras Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia-UFRA, Licenciado em Matemática, membro do Grupo de pesquisa Motirô e do Núcleo de Acessibilidade da UFRA. E-mail: [gthiago23.leramaz.ufra@gmail.com](mailto:gthiago23.leramaz.ufra@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Pedagoga, Professora do Magistério superior da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, vinculada ao Instituto Ciberespacial (ICIBE) e Pesquisadora nos grupos de pesquisa Motirô, GEDAM e GEPERUAZ. E-mail: [dayana.souza@ufra.edu.br](mailto:dayana.souza@ufra.edu.br).

territórios da Amazônia para o desenvolvimento humano.

O projeto desenvolveu ações no âmbito do Ensino, da Pesquisa e da Extensão a fim de incentivar a escuta, a leitura, a escrita e a re-criação de temas pertinentes e histórias de populações e territórios da Amazônia para o desenvolvimento humano. As Amazônias são espaços de populações, saberes, culturas e trabalhos diversos que são marcados por contos, lendas, histórias que vão do fato real até o imaginário. Nesses territórios quais histórias são re-existent? Como as conhecemos no campo e na cidade? Como são partilhadas? Como podem motivar o interesse pela leitura e criação de novas histórias? Como podemos associar histórias com assuntos pertinentes à qualidade de vida de pessoas? São questões que nortearam a ação extensionista interdisciplinar.

As estratégias se deram por via da contação ou recriação de histórias para contribuir com o desenvolvimento e a aprendizagem de pessoas, sejam elas trabalhadoras do campo, da cidade ou alunos e professores da educação básica, buscando atingir escolas da Secretaria Estadual nesse primeiro momento do projeto no Estado do Pará e do município de Belém. Dessa forma assumindo o enfoque qualitativo fez-se o levantamento de material bibliográfico sobre contação de histórias, pesquisa de histórias de populações e territórios da Amazônia, realização de encontros para estudo e aprendizagem de técnicas de contação de histórias, planejamento e execução de atividades destinadas ao público citado.

Esta atividade de extensão foi relevante também pelos desafios educacionais quanto à Leitura. Em levantamento realizado sobre avaliações oficiais verificou-se déficit no processo de alfabetização de crianças e jovens brasileiros, o que acarreta, em dados estatísticos que classificam as pessoas como sendo analfabetas funcionais.

Contra este cenário, as narrativas orais têm um papel relevante tanto socialmente, quanto culturalmente cidadã, pois além de ser um documento que contribui para a formação de leitores e escritores residentes na Amazônia. São as histórias orais dos sujeitos da Amazônia, que se fazem presentes no imaginário e no cotidiano das pessoas, entretanto, a realidade diverge da teoria quando se trata de competência e habilidades de leitora e escrita, devido haver uma carência alta, de cidadãos brasileiros proficientes no que leeme escrevem, configurando assim um alarmante e numeroso caso de indivíduos que são analfabetos funcionais.

Sob esse viés, o levantamento de dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) de 2018, aponta que, sobre a proficiência em leitura, o Brasil está estagnado nesse aspecto, pois segundo Brasil (2019), “Quando comparado com os países da América do Sul analisados pelo Pisa, o Brasil tem baixa proficiência em Leitura, comparado

com outros 78 países que participaram da avaliação.” “Os índices estão estagnados desde 2009. [...]” “Sobre Leitura, o Brasil é o segundo pior do ranking sul-americano, com 413 pontos, ao lado da Colômbia (412). Em último lugar, estão Argentina (402) e Peru (401) [...]” “Esse cenário abrange, por exemplo, situações de estudantes incapazes de compreender textos, simples e rotineiros [...]”

Percebe-se nesse trecho extraído sobre o Pisa 2018, como as crianças e os jovens brasileiros, possuem atrasos consideráveis com relação a competência e habilidade leitora, e que essa estagnação no desempenho da escrita e da leitura dos estudantes é preocupante, e acende um alerta para encontrarmos na sociedade, sujeitos que ao não compreender o que estão lendo tornam-se ignorantes e desinformados, sendo assim suscetíveis a alienações, a coerção e as fake news, tendo em vista que, nessa era das tecnologias da informação e comunicação, na qual todos estamos inseridos, a informação e os dados comunicacionais podem ser passível de manipulações.

É sob essa ótica que esta ação se fez necessária, pois se justifica, partindo da necessidade de toda sociedade conhecer como está sendo tratado, desde a escola, passando pelas estratégias de política públicas voltadas para o desempenho satisfatório em leitura. Tendo em vista que, a falta de compreensão na leitura de texto está ligada diretamente as falhas históricas da educação no país, pois entende-se que ler não é apenas decifrar e reconhecer códigos, é muito mais que isso, porém as escolas tem trabalhado a questão da leitura para algo específico, para entender apenas os textos passados ali naquele espaço de ensino, como comenta Geraldi (1946) em sua fala sobre as questões de leituras, para ele este ambiente cria uma artificialidade se tratando de leitura, no qual não se ensinam leitura, apenas interpretações dos textos passados, o que ele chama de simulação de leitura (GERALDI,1946).

Outro ponto a ser destacado sobre o papel da leitura como mecanismo social e cultural é a situação interacional que ela promove ao corpo social brasileiro, no instante em que insere a criança no ambiente escolar, de modo a estimular a convivência em sociedade e sua interação com os saberes específicos, a qual se faz necessária para o aprendizado da leitura e a continuidade desse hábito na comunicação de pessoas aliado ao ensino. Assim, conforme Silva “[...] ler é um modo não só de conhecer, mas também de praticar a cultura” (SILVA, 1986, p. 26).

Por conseguinte, o objetivo principal que norteou as atividades desenvolvidas na ação intitulada, “*Narrativas e Histórias Oraís dos Sujeitos Amazônicos: Práticas Pedagógicas para Formação de Leitores na Educação Básica*” foi perceber como as narrativas e histórias orais dos

sujeitos da Amazônia faz-se presente no imaginário e no cotidiano de pessoas e como estas podem contribuir para a formação de leitores da educação básica. Além de apresentar os resultados vivenciados no Projeto de Extensão **Leramaz**: temas e histórias de populações e territórios da Amazônia.

Paralelamente a isso, realizou-se pesquisa bibliográfica sobre narrativas, histórias, contos, lendas e mitologias de povos e lugares amazônicos, notou-se como as narrativas e histórias orais dos sujeitos da Amazônia se fazem presentes no imaginário e no cotidiano de pessoas, verificou-se como as narrativas amazônicas contribuem para a formação de leitores; promoveu ações que repercutiram nas práticas pedagógicas de professores e alunos, incentivando por meio da escuta, da leitura e da escrita de temas pertinentes às populações e territórios da Amazônia para o desenvolvimento humano.

Diante disso, foi necessária a busca de histórias de populações amazônicas para valorizar a literatura dessa região e dos nossos escritores, dos quais foram selecionadas duas escritoras da literatura infantojuvenil amazônica, Dona Onete: Coletânea de Contos, “A festa no Ver-ô-peso” (2022) e o livro de Fátima Teles “A cidade que veio das Águas” (2017). Em seguida, foi feito o mapeamento e seleção de espaços para desenvolvimento de ações de incentivo à escuta, leitura, escrita e re-criação de temas pertinentes e histórias de populações e territórios da Amazônia, como a visitação e seleção de Escola da rede estadual de ensino para criação de relações e aplicação prática do projeto, que foram duas, uma dentro da própria UFRA, campus Belém, com alunos do 6º ano e outra, localizada no bairro do Guamá, também no município de Belém, porém com alunos do 5º ano.

Nos baseamos em uma abordagem qualitativa com pesquisa exploratória, bibliográfica e de campo, na qual as atividades foram feitas através de ações expositivas e dialogada com os participantes envolvidos.

Depreende-se que os resultados alcançados, confirmam a importância que têm as narrativas orais para a formação de leitores, uma vez que algumas palavras do vocabulário eram próximas e outras foram descobertas durante as oficinas. Logo, pelo que foi compreendido sobre as narrativas orais, percebeu-se que estas fazem-se presentes no imaginário e no cotidiano de pessoas e como estas contribuem para formação de leitores da educação básica em ações como esta, que incentivou a contação de histórias, que devem ser propostas permanentes no contexto educacional brasileiro e em nossa região Amazônica.

Diante do exposto, o referencial teórico foi constituído a partir do embasamento em autores como Geraldi (1946), Silva (1986), Freire (1997), Bruner (1991), Benjamin (1994), Matos e Sorsy (2009) dentre outros, que pertinentemente corroboram para a discussão

abordadanesse estudo sobre narrativas orais, formação de leitor e escritor, analfabetismo e práticas pedagógicas que incentivam a interação de temas pertinentes e histórias de populações e territórios da Amazônia para o desenvolvimento humano.

## REFERENCIAL TEÓRICO

No que tange ao papel da leitura, da escola, das narrativas orais e da cultura, tem-se que o fator cultural de ligar a leitura com o fator de senso crítico se norteia na mediação do professor em conjunto da reciprocidade do eixo familiar do aluno na construção dessa relação de aprendizagem. Por isso é fundamental o estímulo à prática da leitura, tanto a nível prático-pedagógico por meio das aulas, como também por outros meios que estimulem os alunos a despertar em a curiosidade pelas histórias e o que pode se usufruir de conhecimento que foi repassado. Porém, ao se aprofundar no quesito aquisição da leitura, Freire aponta que:

O fato de todos nós termos tido tão pouca chance de testemunhar modelos libertadores faz com que seja mais fácil culpar a matéria em si, em vez de reinventar o ensino através das discussões e preleções dialógicas. Em segundo lugar, os cursos de Redação, Comunicação e Literatura podem ter corpos-de-conhecimento tão imponentes quanto qualquer outra disciplina. Esses cursos têm sido dados, tradicionalmente, de forma passiva, que aliena e silencia os estudantes, pela voz sonolenta do professor e pelos materiais distantes dos estudantes (FREIRE, 1997, p.63).

Logo, se faz imprescindível observar que Freire fomenta a não culpabilidade do aluno por sua leitura, a qual cabe o estímulo vindo de toda a comunidade, desde o núcleo familiar até do corpo docente, em prol da continuidade desse saber cultural. Sendo assim, é de fundamental importância a iniciação efetiva da leitura, seja por escolher uma obra e apresentar e ler em sala de aula, como também se atentar sobre o conteúdo e mensagem social que se busca dialogar através do ensino e aprendizagem aos educandos.

Assim, para um acolhimento do aluno no universo da escrita e da leitura, de acordo com o que afirma Kleiman: “Para formar leitores devemos ter paixão pela leitura”. (KLEIMAN, 2007, p. 15). Nesse contexto, a escolha de uma obra infanto-juvenil para trabalhar com os educandos deve aproximar o contexto recreativo de laborar a obra literária em conjunto do sentimento de estar imerso na leitura.

Dessa forma, antes de vermos a correlação entre as narrativas orais e a formação de leitores e escritores, é fundamental entendermos o que são narrativas orais?

Bem, existem várias acepções para responder a essa pergunta, mas considera-se que o ato de narrar é uma experiência única do ser humano que é carregado de histórias e requer uma habilidade basilar para que haja comunicação social de maneira clara e organizada, e

assim dar sentido às experiências e memórias humanas. Diante desse fato, Bruner defende que a narrativa “é a forma mais natural de transmissão da história e da cultura de uma sociedade”. (Bruner, 1991). Além disso, o autor ressalta que “a habilidade oral de narrar histórias tem sido correlacionada, em diversos estudos, com o sucesso escolar futuro”.

Nota-se que a partir da citação anterior, os primeiros sinais de sincronia entre as narrativas orais e processos de formação de leitores e escritores, quando o autor diz que o ato de saber usar a habilidade oral de narrar histórias está estritamente ligado ao sucesso escolar no futuro da criança e do adolescente, logo infere-se que, se o aluno tem a oportunidade e o acesso de ter sua habilidade, via as narrativas orais, aprimorada e desenvolvida, por conseguinte terá em mão um importante mecanismo que colaborará e será facilitador durante sua caminhada no desenvolvimento formativo de leitor e escritor, mas isso só é possível com auxílio de uma adequada prática didático-pedagógica que corrobore de forma significativa com seu processo de aprendizagem escolar.

Ademais sobre a relação da narrativa oral com ser humano e a sociedade, Sodré (1999) traz a sua percepção sobre as formas de comunicação e a sociedade, dizendo que há várias formas de disseminação da informação ocorrendo na sociedade, que, iniciado com a imprensa, passando pela história do desenvolvimento do capitalismo até as redes sociais, a comunicação teve avanços e estratégias que possibilitaram a descrição de forma mais rápida e imediata do cotidiano, contribuindo assim para um acelerado ritmo frenético e efêmero da difusão dos acontecimentos e da informação. E é nesse momento que a narrativa oral perde espaço como sendo “a arte de intercambiar experiências”, por isso, para Benjamin (1994, p. 198) “a narrativa oral foi perdendo espaço para os artifícios da informação em massa e da ânsia pela rapidez, em que quase nada está a serviço da narrativa, ao contrário da informação, em que os fatos já chegam devidamente explicados.”

Ainda para Benjamin (1994, p. 205), as narrativas orais, são o “Fruto da tradição, enquanto sabedoria, e da memória passada de geração a geração pela palavra, a narrativa oral de história tendo como seu alimento a experiência”, “é uma forma artesanal de comunicação [...] como a mão do oleiro na argila do barro.”

Mediante ao exposto sob narrativas orais, Matos e Sorsy corroboram com a fala de Benjamin dizendo que “É importante apontar que se reverbera, neste trabalho, sobre a necessidade das narrativas orais para a constituição do ser humano e a ampliação da consciência humana e que para o desenvolvimento da imaginação criativa, que a mesma possibilita, elas são primordiais.” (MATOS E SORSY 2009, p.21; BENJAMIN 1994 p. 197-221).

Neste sentido, sobre oralidade, leitura e escrita, Antunes, ressalta na sua fala “que no estudo da língua, principalmente por parte do professor de português, não pode ser omisso coma oralidade e, por conseguinte dissociar as três componentes que fazem parte da comunicação, a oralidade”(ANTUNES 2003, p.35), aqui representada pelas narrativas orais, a leitura e a escrita, tem também a gramática que fecharia esse combo da linguagem comunicativa, mas que por hora não será objeto deste estudo, então voltando as três primeiras, têm-se que cada uma delas apesar de serem apresentadas aos alunos de forma separada às vezes, tem um papel essencial no processo linguístico e comunicativo quando elas são abordadas em sala de aula de maneira correlatas e não individuais, pois cada uma delas contribuem para que a compreensão comunicativa seja integrada e completa. Por isso que as narrativas orais interligadas com a leitura e a escrita contribuem tanto para o desenvolvimento cognitivo e linguístico, quanto para o construto social e cultural no qual a criança, o adolescente e o cidadão brasileiro, realizando leitura de mundo a partir de seus diferentes contextos e histórias, exercem a sua cidadania.

## **METODOLOGIA**

O percurso metodológico deste trabalho está centrado numa pesquisa qualitativa, que, de acordo com Yin, “é um tipo de pesquisa que atua com percepções e condições reais de vidas das pessoas” (YIN, 2016). Além disso, utilizou-se de pesquisas exploratória, bibliográfica e de campo, pois é conveniente destacar que segundo Gil, a Pesquisa Explicativa é conceituada como: “Aquela pesquisa que têm como preocupação central identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, por que explica a razão, o porquê das coisas.” (GIL, 1999, p.44)

Quanto a Pesquisa Bibliográfica, autores como Lakatos e Marconi, afirmam que:

“A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, artigos etc.” (LAKATOS E MARCONI, 2003, p.183)

No que concerne à pesquisa ou estudo de campo, de acordo com Gil (2002) é:

O estudo de campo [que] focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador

que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado. (GIL,2002,p.53).

Sob essa perspectiva trazida por GIL (2002) sobre o estudo de campo, relata-se que foi vivenciado durante as atividades proporcionadas pelo projeto de extensão Leramaz, essa experiência educativa de maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade escolar é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o ambiente escolar das quais os participantes envolvidos estão inseridos.

Destaca-se que, após inserção na Escola, por via de um trabalho com narrativas orais e as histórias de populações dos territórios da Amazônia, observamos alguns caminhos pedagógicos úteis para contribuir com a formação de leitores e escritores amazônicos no processo formativo da educação básica. Estes caminhos nos levaram a outra realidade escolar, também no bairro do Guamá, e que nos permitiu atuar em realidades diferentes, ainda que tão próximas. Isso nos trouxe um olhar significativo sobre a diversidade e o quanto as escolas são carentes de trabalhos promovidos pela universidade, como o que foi realizado neste projeto.

Atividades foram feitas através de ações expositivas e dialogada com os participantes envolvidos durante atividades como a oficina de contação de história, que contou com público alvo, crianças e pré-adolescentes na faixa etária entre nove e treze anos que cursavam o 5º e o 6º ano do Ensino Fundamental.

Ademais, sobre as obras infantojuvenis escolhidas foram selecionadas duas escritoras da literatura infantojuvenil amazônica, Dona Onete: Coletânea de Contos, “**A festa no Ver-ô-  
peso**” (2022) e o livro de Fátima Teles “**A cidade que veio das Águas**” (2017). São obras que resgatam e utilizam traços culturais e hábitos dos sujeitos que residem o território amazônico.

A inserção do bolsista, para realização de oficina e contação de história na Escola localizada dentro da UFRA (Universidade Federal Rural da Amazônia), campus Belém, deu-se de forma alinhada com as atividades pedagógicas de Estágio Supervisionado Obrigatório I, na qual o acadêmico do curso precisa vivenciar as dinâmicas e rotinas de prática pedagógica entre professor e aluno em língua portuguesa.

Nesta escola percebeu-se que os alunos do 6º ano possuíam algumas carências de novas práticas de aprendizagem, da qual visualizamos que têm sérios problemas com compreensão leitora e conseqüentemente escrita, provenientes dos anos anteriores, o que foi comprovado com o instrumento de leitura e exercício do livro feito pela professora regente em sala de aula, em que os alunos tinham muitas dificuldades em compreender o que

transcreviam do quadro e do livro.

Diante deste contexto verificou-se a necessidade de promover atividades como oficinas que promovessem a aprendizagem dos gêneros textuais, proficiência leitora e escritora. Se descreverá uma síntese da Oficina de contação de histórias a partir da obra “A cidade que veio das Águas”.

A oficina da primeira escola ocorreu da seguinte maneira: no dia da oficina, Passo 1) Conhecendo a narrativa *A cidade que veio das Águas*; Passo 2) Explorando o texto (os alunos manusearam o texto literário); Passo 3) Leitura (contação da narrativa selecionada). Já no Passo 4) produção textual a partir da obra lida (foi redigido um parágrafo sobre o diálogo observado na narrativa, na qual o educando se colocaria no lugar do Curumim que dialoga com a Baía do Guajará e apresentaria os atrativos e belezas a alguém que chegaria para conhecer essa localidade).

Alguns desafios surgiram nesse processo e compreendeu-se que, em determinadas situações a infraestrutura pode ser fator limitante para a realização de uma simples roda. Encontrou-se salas pequenas em que malmente se conseguiu alterar a disposição das carteiras na sala. Além disso, a abertura docente em fazer parte do processo. Assim, na escola dentro da UFRA, a vontade de fazer foi frustrante e por isso buscamos outra escola.

Nessa perspectiva foi procurada a segunda escola que fica localizada no bairro do Guamá próximo a um dos portões da Universidade Federal do Pará (UFPA), na qual pode se ter uma proximidade com a professora regente, que leciona em turmas do 5º ano, período em que desenvolvemos a oficina, com outra titulação “*Catando e Contando histórias e outras lendas da Amazônia*”, em uma turma de vinte estudantes.

Dessa forma, a oficina foi pensada da seguinte forma: 1) A Mística: Preparando o ambiente para contação da narrativa; 2) Conhecendo a turma e a leitura selecionada para ser contada; 3) Explorando o texto pelos alunos; 4) Leitura em voz alta (“Era uma vez” ser proferido pelo bolsista e contador da narrativa, e entrega da cópia do livro para cada grupo de três alunos); 5) Produção de material a partir das leituras lidas e escutadas e também dinâmica de respostas as respectivas perguntas sorteadas entre os grupos. As perguntas foram duas: A) *Se coloque no lugar do curumim que dialoga com a baía do Guajará, e se você fosse a Baía o que você veria das margens do Rio?* B) *Se coloque no lugar do curumim que dialoga com a baía do Guajará, e se você fosse um turista que está visitando Belém e o mercado do Ver-o-Peso, que imagem você levaria da capital paraense e o que você diria sobre a festa e o cotidiano do Ver-o-Peso e adjacências para outras pessoas que queiram conhecer a cidade das mangueiras?*; 6) Dinâmica em grupo e divisão da turma; 7) Mostra Visual dos Trabalhos

no Varal Artístico Literário (cada grupo deveria expor seu cartaz na horizontal pendurando no varal, expondo aos outros colegas para que este pudessem visualizar sua tela em forma de cartaz, e em seguida os estudantes ou um integrante de cada grupo tinham que comentar o significado do seu cartaz e dizer o porquê do título escolhido).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse contexto de atividades proporcionadas pelo projeto Leramaz, no que diz respeito aos resultados obtidos com a aplicação de oficinas de leitura e contação de história, mesmo não sendo totalmente positivos dados coletados, como almejaram os integrantes do projeto, os resultados obtidos vão demonstrar como é importante iniciativas que tenham como estratégia a contação de histórias como recurso na formação de leitores.

Sobre este percurso descrito, por questões comunicacionais e organizacionais da professora da escola de dentro da UFRA, não tivemos posteriormente acesso ao material escrito e produzido pelos alunos do 6º ano, pois, quando tentou-se fazer a procuração e o resgate desses excertos confeccionados em sala de aula, a professora nos informou que não tinha mais em sua posse os exemplares textuais, por isso, não conseguimos verificar o texto final confeccionado pelos alunos, se estes conseguiram alcançar os objetivos propostos na oficina. O que dificultou a averiguação por meio da leitura, o feedback dos alunos sobre o processo de aprendizagem construído nessa ação de intervenção.

Diante de todos esses desafios encontrados no percurso desta oficina, percebe-se como ainda é pertinente ações que fomentem, incentivem e valorizem práticas pedagógicas que potencializem a difusão da escuta, da leitura e da escrita não somente em atividade rotineiras em sala de aula, mas também, em atividades promovidas em ambientes não escolares na qual a oralidade, os processos de leitura e escrita possam ser viabilizados não apenas para uma formação cívica e profissional, mas, também para o reconhecimento das relações de identidade cultural e da história de vida do sujeito que vive na Amazônia.

Mediante a realidade vivenciada com a oficina na segunda escola, os resultados nesse outro momento do projeto Leramaz, apontam desde a recepção dos alunos do 5ª ano, da docente regente da turma e do material produzido pelos educandos durante a atividade de leitura e contação de história, interesse e curiosidade em participarem em ações como estas, além do ganho lexical, cultural e social que essa aprendizagem proporcionou a todos os envolvidos nessa prática pedagógica.

Nessa perspectiva está ação de extensão envolveu pessoas de diferentes realidades amazônicas, sejam elas vindas do campo ribeirinho, da cidade ou alunos e professores da

educação básica, que estavam interessados em utilizarem a estratégia de contação ou recriação de histórias para contribuir com o desenvolvimento e a aprendizagem por meio do processo da leitura e da escrita. Consideramos que obtivemos êxito ao atendermos em média de 60 a 70 estudantes da comunidade externa, escolas das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação do Estado do Pará e do município de Belém.

Ademais, sobre os limites e desafios enfrentados no percurso do projeto Leramaz, pode ser pontuado que infelizmente não foi possível buscar atingir o número de 400 pessoas ou mais, por causa do calendário letivo das escolas atendidas e a defasagem estrutural de alguns estabelecimentos de ensino que impediram o andamento das atividades concebidas inicialmente dentro do projeto, o que teve que ser adaptado ao contexto local de cada escola.

Além disso, quando se trata sobre as aprendizagens adquiridas com esse projeto, tem-se o entendimento que o projeto Leramaz favoreceu entre outros aspectos, o desenvolvimento de habilidades e estratégias de potencialização de alunos em sala de aula para a proficiência da leitura e escrita na rotina docente, adquiridas tanto por meio das experiências vivenciadas no projeto e por meio de diversas ações de intervenção que contribuíram para práticas docentes mais reflexivas, humanizadoras e acessível aos estudantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Espera-se com esse trabalho ter colaborado e ter mostrado a importância social e cultural da utilização de narrativas e histórias dos sujeitos da Amazônia para a contribuição na formação de leitores da educação básica. Pois na trajetória vivenciada foi possível constatar, que há um grande número de alunos que desconhecem a nossa literatura infanto-juvenil, talvez, pela falta de incentivo nos diversos espaços sociais em que estão ou talvez pela falta de recursos financeiros. Isso teria que ser complementado com pesquisa científica, ainda que esta tenha corroborado com nossa atuação, ela foi recurso e meio para se chegar a algumas reflexões e teorizações.

A realização das Oficinas nas escolas foi avaliada pelas docentes participantes de maneira positiva e, por mais que as escolas desenvolvam tarefas do tipo, há repetição em dizer que há uma carência desse tipo de ação e que a escola necessita dessa inserção da universidade para somar com novas práticas pedagógicas tanto para professores como para alunos.

Portanto acredito que projetos e ações que incentivem a escuta, a leitura, a escrita e a re-criação de temas e histórias do contexto amazônico devem ser propostas de forma assídua no contexto educacional em que vivemos.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial. 2003, p.35. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/aula-de-portugues-irande-antunes-pdf-free.html> Acessado em: 23 de Setembro de 2023
- BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Internacional de Avaliação de Estudante (Pisa)**, 03 de dezembro de 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil> Acessado em: 02 de Setembro de 2023.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras escolhidas,v.1).
- BRUNER, J. (1991). **The narrative construction of reality**. Critical Inquiry, 18(1), 1-21. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/448619> Acessado em: 19 de Outubro de 2023
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 32 ed. São Paulo: Cortez, 1996. 80 p. v.13 (Coleção Questão da Nossa Época).
- GERALDI, João Wanderley (Org.). São Paulo: Ática, 1946. \_\_\_\_\_. Prática de Leitura na Escola. In: GERALDI, João Wanderley; ALMEIDA, Milton José de; leite, Lígia C.de M.; OSAKABE, H; POSSENTI, Sírio; et all. **O texto na sala de aula**. 1ª. Ed. São Paulo: Ática, 1946.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf) Acesso em: 23/10/2023.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003, p.183-184. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india/view](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view) Acesso em: 23/10/2023.
- ONETE, Dona. **Coletânea de contos da Dona Onete: A festa no Ver-ô-peso**, Ed. Secult/PA, 2022.
- MATOS, G. A; SORSY, I. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. São Paulo: Papyrus, 1986.p.26.
- TELES, de Fátima. **A cidade que veio das Águas**. Ed. Premium. p.25. 2018.
- YIN, R. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniela Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto alegre, RS: Penso, 2016.